

LUGARIZAR O LUGAR: A GEOGRAFICIDADE NO/DO PATEO DO COLLEGIO

Ivan Fortunato

Pós-doutorado em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC.
Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro. Líder do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Ensino, Ciência, Cultura e Ambiente (NuTECCA) e do Grupo de Pesquisas Formação de Professores para o Ensino básico, técnico, tecnológico e superior (FoPeTec).
ivanftr@yahoo.com.br

Resumo: Este estudo aborda relação Homem-Terra conforme a ciência geográfica apresentada por Dardel. No entanto, não é um trabalho abstrato, pois o que se pretende aqui é refletir sobre a relação Homem-Terra a partir do elo pessoal estabelecido com o Pateo do Collegio, no Centro Histórico da cidade de São Paulo. O objetivo desse artigo é lugarizar o Pateo do Collegio. Lugarizar é a proposta de um verbo geográfico que pressupõe desvendar o sentido ontológico dos lugares. Para lugarizá-lo, foi necessário compreendê-lo à luz de sua realidade geográfica. Compreender sua realidade geográfica foi o resultado de um longo “namoro” com o lugar; namoro que começou depois de um repentino e encantador encontro, ao acaso, no centro histórico de São Paulo. Assim, apresentamos o Pateo do Collegio por meio de uma geopóetica conduzida por três verbos: encontrar, namorar e lugarizar.

Palavras-chave: topofilia; Dardel; Centro Histórico de São Paulo; Tuan.

Abstract: This study addresses the Man-Earth relationship according to the geographical science presented by Dardel. However, it is not an abstract work, because what is intended here is to reflect on this Man-Earth relationship from the personal bond established with the Pateo do Collegio, in the Historic Center of the city of São Paulo. The aim of this article is “to placeness” (lugarizar in Portuguese) the Pateo do Collegio. To placeness is the proposal of a geographical verb that implies unraveling the ontological sense of places. In order to placeness the Pateo it was necessary to understand it in light of its geographical reality. Understanding its geographical reality was the result of a long “courtship” with the place; a courtship that began after a sudden, charming and spontaneous encounter ate the heart of São Paulo. Thus, we present the Pateo do Collegio through a geopoetic conducted by three verbs: finding, wooing and “placing-ness”.

Keywords: topophilia; Dardel; São Paulo Historic Center; Tuan.

Resumen: Este estudio aborda la relación Hombre-Tierra de acuerdo con la ciencia geográfica presentada por Dardel. Sin embargo, no es una obra abstracta, ya que lo que se pretende aquí es reflexionar sobre la relación Hombre-Tierra del vínculo personal establecida con el Pateo do Collegio, en el Centro Histórico de la ciudad de São Paulo. El objetivo de este artículo es lugarizar el Pateo do Collegio. Lugarizar es la propuesta de un verbo geográfica que implica desentrañar el sentido ontológico de los lugares. Para lugarizá fué necesario entender o lugar a la luz de su realidad geográfica. La comprensión de su realidad geográfica fue el resultado de un “noviazgo” con el lugar; noviazgo que comenzó después de una reunión repentina y encantador, al azar, en el corazón de Sao Paulo. Por lo tanto, se presenta el Pateo do Collegio a través de un geopóetica realizado por tres verbos: encontrar, buscar pareja y lugarizar.

Palabras-clave: topofilia; Dardel; Centro Histórico de São Paulo; Tuan.

1. Notas introdutórias

A geografia não é, de início, um conhecimento, a realidade geográfica não é, então, um objeto, o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre (Dardel, 2011, p. 33).

Este estudo aborda relação Homem-Terra conforme a ciência geográfica apresentada por Dardel (2011). No entanto, não é um trabalho abstrato, pois o que se pretende aqui é refletir sobre a relação Homem-Terra a partir da minha própria ligação com um lugar da Terra. Trata-se de uma investigação sobre o elo estabelecido com o Pateo do Collegio, no Centro Histórico da cidade de São Paulo – ora referido apenas como Pateo. Esse lugar é publicamente reconhecido como o local de fundação da cidade pelos jesuítas, tendo o dia 25 de janeiro de 1554 como sua data oficial de nascimento. No entorno do Pateo existem construções seculares, tais como o Solar da Marquesa de Santos e as primeiras realizações de Ramos de Azevedo na reconfiguração do velho centro. Desde 1979, as construções que representam a primeira escola jesuíta construída no local abrigam o Museu e a Igreja Anchieta. Nesse sentido, e conforme detalhado em outro artigo (Fortunato, 2015), o Pateo é lugar da memória paulistana e da fé immortalizada por Anchieta. Ainda, é ponto turístico e local de educação informal.

Não obstante, não foram tais notórios atributos que me levaram ao estudo do lugar. Isso porque o elo com este lugar foi subitamente reconhecido quando, em um momento de flunar pelo Centro Histórico, espontaneamente me deparei com o Pateo e nele me senti seguro – esse súbito encanto foi narrado em outro artigo (Fortunato, 2016). Em essência, este texto apresenta um estudo que parte da experiência atomizada de um geógrafo em busca da geograficidade introduzida nesta ciência por Dardel (2011) na década de 1950.

Neste artigo¹, abordamos o acolhimento sentido no Pateo do Collegio, procurando entender melhor a sensação de se encantar pelo lugar que, conforme se relata aqui, tornava-se constante a cada momento de visita ao centro histórico paulistano. Assim, deixamo-nos guiar pelas ideias de Dardel (2011) de que o ser humano está conectado não apenas de forma pragmática ou circunstancial, mas de uma maneira muito visceral, emocional e sensorial com seus lugares na Terra.

No entanto, não foi reconhecido, de imediato, essa conexão com o Pateo do Collegio, porque foi preciso um longo cortejo com o lugar, ir até ele, senti-lo, observá-lo... E nessas idas e vindas, experimentou-se sabores que variaram do doce ao amargo, algo que, segundo Relp (1979, p. 141), faz parte da própria relação com nossos lugares, que é sempre multifacetada e, “às vezes, tão desagradáveis como nossos relacionamentos com outras pessoas”...

Um olhar geopoético conduziu nossas considerações sobre o elo estabelecido com o Pateo do Collegio, levando à compreensão de que a topofilia é o sentimento que recobre nossa relação com esse lugar... Daí, retornamos ao Pateo diversas vezes com o propósito de reconhecer e descrever sua realidade geográfica, enumerando, qualificando e até permitindo devaneios sobre os elementos do lugar que configuram sua identidade e, portanto, sua singular existência enquanto ser ontológico... Percebendo que esse elo afetivo com o Pateo é fruto de um jogo entre nossos valores individuais e sua própria ontologia, buscamos o necessário retorno à essência de ser-no-mundo desse lugar tão emblemático que dá sentido à nossa experiência vivida.

O objetivo desse artigo é **lugarizar** o Pateo do Collegio. Lugarizar é a proposta de um verbo geográfico que pressupõe desvendar o sentido ontológico dos lugares. Para lugarizá-lo, foi necessário compreendê-lo à luz de sua realidade geográfica. Compreender sua realidade geográfica foi o resultado de um longo “namoro” com o lugar; namoro que começou depois de um repentino e encantador encontro, ao acaso, no centro histórico de São Paulo. Assim, apresentamos o Pateo do Colegio por meio de uma geopóetica conduzida por três verbos que, gradualmente, me levaram ao reconhecimento de sua geograficidade e do encontro com a ontologia do lugar: encontrar, namorar e lugarizar.

¹ Este artigo foi desenvolvido a partir de elementos de tese de doutoramento em Geografia apresentada ao programa de pós-graduação da UNESP, Rio Claro, sob orientação da Profa. Dra. Livia de Oliveira.

2. Encontrando...

Desde o encanto primeiro com o Pateo do Collegio, foram realizadas diversas incursões pelo local. Pode-se dizer que era o início de um cortejo com o lugar, uma espécie de galanteio que se vivencia quando o encontro com outro ser não é apenas agradável, mas torna-se tão intenso a ponto de querer estar junto o tempo todo, ao mesmo tempo em que há certa ansiedade, porque se deseja que esse sentimento seja recíproco... E a cada impulso que me levava ao metrô Sé ou ao terminal Parque Dom Pedro II de ônibus urbano, confesso que esperava o mesmo súbito fascínio, aquele sentido que fizera diminuir a passada e trocar o giro pelo centro histórico de São Paulo pelo mergulho em um só lugar... Assim, por algumas vezes, foi refeita a caminhada da Sé até a Rua XV de Novembro, buscando mirar o Pateo pela Rua Anchieta – como visto na fotografia da figura 01 –, repetindo os movimentos que conduziram ao nosso primeiro encontro...



Figura 01: O Pateo emoldurado pelas construções da Rua Anchieta.

Créditos: Ivan Fortunato, mar./2011.

Nessas andanças, outro caminho tomado foi a descida da Praça da Sé até a Rua Boa Vista, ora indo direto até o Pateo, ora fingindo ter acidentalmente me deparado com o lugar para, novamente, surpreender-me com ele... Outras vezes, saía de casa e pegava o ônibus até o terminal Parque Dom Pedro, apenas para subir, em um único fôlego, a ladeira da Rua General Carneiro, ansioso pelo momento de dobrar à esquerda no topo da escalada, até alcançar o Pateo do Collegio... Interessante anotar que raramente descia na estação São Bento de metrô, porque não gostava do trajeto sentido sul pela Rua Boa Vista; em verdade, lembro o quanto foi penoso tomar esse caminho mais de uma vez, porque a estreiteza dessa rua, verticalizada demais, contrastava muito com o acolhimento que sentia no largo do Pateo. Daí a lembrança de uma frase escrita por Tuan (2005, p. 233), na qual ele via os prédios metaforicamente desabando sobre as pessoas e, ironicamente, afirmou que as ruas e suas construções, frutos de reflexão e planejamento humanos, podem se tornar “um imenso labirinto desordenado”, ou mesmo um corredor frio e escuro... como a Rua Boa Vista.

Todos esses encontros esporádicos, causais, e até forjados, foram mais do que suficientes para indicar que o encanto com esse lugar estava além de uma obra do acaso, ou um sentido aleatório de bem-estar que coincidiu de me arrebatado, no momento em que avistava, a partir da Rua XV de Novembro, o Pateo do Collegio praticamente emoldurado pelas construções verticais que escurecem a pequena travessa da Rua Anchieta... E no decorrer dessas idas e vindas ao lugar, foi compreendido que havia algo muito mais profundo nessa relação, algo visceral, que parecia tender a um relacionamento ainda mais íntimo... Um sentimento muito vivo, contudo inquietante ao mesmo tempo, já que soava estranha essa sensação de ser e estar atraído por um lugar, pelo qual desenvolvia afeto e forte sentimento fraterno...

Foi graças a esse cortejo com o Pateo do Collegio que finalmente consegui compreender o conceito nomeado como topofilia, ou os sentimentos de filiação e afeto que o ser

humano pode desenvolver por um lugar vivido. De acordo com Tuan (1980, p. 137), “as imagens da topofilia são derivadas da realidade circundante”, ou seja, somente podem ser sentidas em sua essência quando há contato sensorial, emocional e até poético com os lugares – isso também pode acontecer por meio de lembranças ou da imaginação, mas, sempre, recordações ou fantasias de momentos vividos em um lugar que nos interessa, satisfaz e inspira... Contudo, ao percorrer o Pateo do Collegio, muito mais do que desenvolver esse elo afetivo pelo lugar, senti que havia entrado em um *jogo* de sedução, no qual ver e *ser visto* pelo lugar tornava-se emocionante, e até excitante, porque estimulava o corpo a sentir-se bem, a sentir-se alegre..., ou repousava a mente, quando estava cansada da velocidade com que se vive a rotina na grande cidade...

Foi percebido, então, que estava experimentando o “namoro da Terra”, sobre o qual escreveu Dubos (1981), apresentando-o como uma proeza heroica de quem descobre os tesouros ocultados ou perdidos dos nossos lugares aqui na Terra, tendo o amor como ingrediente fundamental para aventurar-se...

3. Namorar

Ao desbravar o Pateo do Collegio, sentia-me como um destemido explorador, ao mesmo tempo cômico de que o lugar não oferecia perigo algum, exceto, talvez, o risco de permanecer sentado ao pé do obelisco que existe em seu largo, contemplando-o, até perder algum compromisso importante, porque, no lugar, o sentido de tempo cronológico perdia seu sentido... Tudo isso é, de alguma forma, esclarecido por Dubos (1981, p. 96), ao afirmar que “queremos experimentar satisfações sensoriais, emocionais e espirituais que somente podem ser conseguidas mediante uma interação íntima, ou melhor, uma identificação real com os lugares onde vivemos”; lugares que satisfazem nossas necessidades, o que explica nossas atitudes desenvolvidas em relação a esses mesmos lugares.

Claro que esse namoro, como próprio Dubos (1981) revelara, não foi sempre *doce*, permitindo o bem-estar e os sorrisos que buscava no lugar, porque houve (e certamente haverá) momentos em que o sabor do Pateo foi amargo. Não obstante, pode se compreender esse dissabor como um aspecto que não é intrínseco ao lugar, mas fruto das atitudes frente à relação estabelecida com o próprio lugar, como a frustração sentida quando as pessoas o tratam com indiferença ou até desprezo e medo, ou mesmo pelo ressentimento provocado por algum encontro que deveria acontecer no lugar, mas que se tornou desencontro... Temos, como exemplo desse desgosto, a lembrança de um março chuvoso, quando um temporal acabou por inibir uma visita compartilhada ao Pateo, e quão forte fora o desapontamento sentido ao ter que cancelar o esperado contentamento de conversar sobre o lugar e o deleite que seria vivenciado por estar no largo, no museu, na igreja e no átrio interior...

Ao perceber que, por meio desses encontros ocasionais ou intencionais, provando momentos de doçura ou amargura instigados pela sedução e encanto com o Pateo do Collegio, havia criado forte enlace com o lugar, chegamos à compreensão de que estávamos, em ato, *tateando* pela própria *geograficidade* do lugar, conceituação de Dardel (2011, p. 1) que significa justamente o reconhecimento dessa ligação íntima, emocional, instintiva, mas também concreta com os lugares da Terra, seja com o solo natal, ou mesmo com um novo ambiente. E na relação com o Pateo, encontraria, nessa união concreta, os dois enlaces mencionados pelo autor, já que experienciava forte combinação emocional e sensorial com um lugar simbólico de minha terra natal, ao mesmo tempo em que se tratava de um solo revelado, espontaneamente, pela ousada aspiração de conhecer este lugar tão emblemático, desta cidade que me acolhia. Conforme esclarecido em outro ensaio, São Paulo é minha cidade de nascimento, porém fui criado no

interior e somente retornei à capital com vinte e poucos anos, o que torna essa contradição possível: descobrir ao acaso a cidade natal (Fortunato, 2016).

E com Dardel (2011, p. 2), compreenderia que se sentir surpreso com a descoberta de um lugar que nos conecta é a “intenção inicial da reflexão geográfica”, sobre a qual se estabelece um interesse geográfico, ou seja, uma inquietude que faz querer conhecer melhor esse lugar, a partir de uma ótica muito peculiar, que é a do mundo circundante.

De tal modo, essa intenção inicial reconduziria às ponderações desenvolvidas sobre as andanças pelo Pateo do Collegio, uma vez que os trajetos percorridos e as condutas desenvolvidas no lugar passariam a ser, portanto, observados e analisados pela perspectiva das reflexões geográficas. Ao decidir pela adoção desse ponto de vista, já não era mais apenas o novo habitante da cidade de São Paulo flanando pelas ruas, praças, museus e igrejas do velho centro, porque havia assumido o compromisso e a responsabilidade de esclarecer o encantamento pelo lugar. Essa busca tornava-se, à vista disso, a compreensão dessa geograficidade que nos conecta ao Pateo, a qual havia se apresentado como a própria realidade geográfica dessas experiências.

Mais do que revelar que os seres humanos se unem emocional, espiritual e/ou racionalmente à Terra, as palavras escritas por Dardel (2011) ressoavam com minhas próprias inquietações, principalmente aquelas que possibilitam encarar o mundo vivido cotidianamente como uma complexa realidade geográfica que não é, em essência, uma realidade objetiva, mas um instigante sentido de mundanidade que envolve os aspectos capturados sensorialmente do lugar, combinados com as lembranças das experiências vividas, a afetividade, a imaginação, o trabalho, a nostalgia, as condutas desenvolvidas espontaneamente e as socialmente impostas, os sonhos, as fantasias, os trajetos percorridos, as escolhas, os símbolos e os mistérios... Ao avançar com o cortejo ao Pateo, sentia que estava pronto para desvendar essa realidade geográfica, a qual exige, segundo Dardel (2011, p. 34), uma adesão total do corpo, do espírito, dos afetos e dos hábitos, para compreender que ela está entre o mundo exterior e o mundo interior...

Assim, ao retomar os caminhos pelo Pateo sob essa perspectiva da geograficidade, consegui, então, esclarecer o sentimento de encanto pelo lugar. Isso porque essa ideia de que a realidade geográfica é construída na interação entre a objetividade do lugar e a subjetividade da experiência, lembrança e fantasia, permitiu compreender que o primeiro instante vivido no Pateo, quando foi vislumbrada sua ambiência pacata, contrastante com o entorno agitado do centro da grande metrópole, ativou lembranças afetivas e possibilitou viver, na imaginação, um lugar que, momentaneamente, não pertencia à cidade de São Paulo, mas a um mundo interior, avivado pela memória... Daí que a insistência por permanecer no Pateo do Collegio para conhecê-lo melhor, tornou-se a intenção inicial dessa reflexão geográfica sobre um lugar que, internamente, foi construído em imaginação, mas que é também concreto, geográfico, simbólico, secular..., tornando-se parte intrínseca da experiência cotidiana de milhares de outras pessoas, da história de diversas culturas, apresentando-se, então, como um lugar vivido por imaginações subjetivas e intersubjetivas, mas também resguardando sua simbologia como berço de uma vila que se transformaria em uma cidade mundial.

Ao revistar, pela ótica da geograficidade, os momentos de “namorar” o Pateo do Collegio, compreendemos a realidade geográfica que há no mundo vivido, de uma forma muito próxima à que Dardel (2011) já havia anunciado: não se trata de um reconhecimento puro da materialidade, uma vez que a conexão com os lugares requer uma “irrealização” dessa própria realidade material, abrindo-se e permitindo-se que o imaginário, o simbólico e o emocional nos direcionem e redirecionem pelos aspectos telúricos, construídos, sonhados e desejados. Com isso, foi tornando-se cada vez mais claro que as inquietações que emergiram dos encontros com o Pateo do Collegio, bem como aquelas que vieram como consequência dessa conexão afetiva, somente poderiam ser atendidas pela vontade e intenção de percorrer o lugar várias e várias

vezes, observando, anotando, ouvindo..., afinal, como bem expressou Dardel (2011, p. 6), “a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social”.

E ao rever nossas experiências com o Pateo, percebeu-se que o encanto nos levou a um agradável cortejo, que logo se verteu em um belo namoro... E tudo isso deixava evidente que o conhecimento de nossa realidade geográfica é construído na experiência com os lugares, seja correndo o mundo, franqueando os mares e explorando os continentes, conforme anotou Dardel (2011, p. 1), seja a partir da “prática do terreno” que foi pensada por Frémont (1980, p. 94) como forma de examinar a própria região vivida, na qual a palavra do geógrafo ganha vigor quando articulada a partir do que é observado no próprio lugar em que se vive e se quer conhecer. Daí a ideia de Besse (2006, p. 82) de que o conhecimento geográfico “é a expressão das aventuras de um olhar viajante [...] a repercussão ou o prolongamento de uma experiência”...

Esses ensinamentos e caminhos nos colocaram de volta no próprio Pateo do Collegio, onde, pelo exercício do olhar atento, afetivo, curioso, buscou-se conhecer a realidade de um lugar vivido, admirado e enamorado..., afinal, conforme argumentou o próprio Besse (2006, p. 82), “o geógrafo habita o mundo ao mesmo tempo em que procura compreender-lhe as estruturas e os movimentos”... Assim, os encontros com o Pateo, que se desdobravam em sentimentos afetivos até a percepção de que o enlace tornou-se um namoro com o lugar, ampliavam e transformavam a própria maneira de perceber e ler o mundo, permitindo refletir sobre o sensível que aparecia sob a forma de realidade geográfica. E graças a esses caminhos tomados pelo Pateo, motivados pela sedução com o lugar, mas desenvolvidos com o intuito de conhecê-lo, reconhecê-lo e descrevê-lo, finalmente foi possível compreender as ideias de Lowenthal (1985, p. 137) de que toda pessoa que examina o sentido de seu próprio mundo vivido é, em alguma medida, um geógrafo. Daí seu axioma: “as geografias memoráveis não são textos de compêndios, mas estudos interpretativos incorporando um acentuado ponto de vista pessoal”. Isso quer dizer que a intencionalidade de conhecer o lugar mobilizador de nossos sentidos, experiências, memória, aprendizado e fantasias, é parte intrínseca do conhecimento geográfico e, portanto, ser geógrafo implica esse exame minucioso de nossa própria mundanidade, potencialmente, atribuindo valores e significados aos nossos lugares.

Besse (2006, p. 82) escreveu que para se fazer geografia temos que frequentar o mundo, tendo em mente que a própria geografia é, ao mesmo tempo, paixão e ciência. Assim, é possível perceber que, ao longo dessa descrição, alguns relatos sobre a experiência com a materialidade do Pateo do Collegio foram romanceados, talvez até mesmo exagerados... Bachelard (1993, p. 84) diria que o exercício da imaginação tem a função de ultrapassar, aumentar, engrandecer a realidade.

Nessa mesma linha de pensamento, ao refletir sobre o dinamismo que há no mundo vivido, Buttimer (1985, p. 166) declararia que não podemos nos furtar de ouvir os discursos poéticos ou as mensagens corriqueiras, colhidas do cotidiano, nos quais as pessoas expressam suas sensações e emoções sobre o lugar onde desenvolvem suas experiências. Contudo, mesmo depois de percorrer, perceber e descrever o lugar, parecia que as inquietações que motivavam as andanças pelo Pateo se multiplicavam ao passo que o lugar se tornava mais familiar. Então compreendi as afirmações de Dardel (2011, p. 45) sobre a experiência de realmente se encontrar com um lugar, de se permitir iluminar e aquecer por uma fagulha que recobre toda existência, afinal, descobrir o lugar é “muito mais do que um espetáculo banal: uma ultrapassagem enlevada da mediocridade cotidiana, um sobrevoo de si, uma evasão para uma nova dimensão do ser”.

Ao refletir sobre o conceito de lugar, Marandola Jr (2012a, p. 230) nos recorda de que há um dinamismo vivo que recobre a vida cotidiana e a existência histórica do lugar. Essa vida dinâmica é algo inerente ao próprio lugar, não sendo possível conceituá-lo de forma abstrata.

Isso quer dizer que o lugar também é vivo e, na sua dimensão ontológica, não é apenas refratário das condições culturais, mas com elas se modifica. Ainda, o lugar também pode alterar o curso das relações e das experiências humanas que nele se desenvolvem. É como um ser vivo, que não podemos classificar ou qualificar de forma a torná-lo estático, porque isso não corresponde à sua essência de ser-no-mundo. Isso se torna evidente ao caminhar pelo Pateo do Collegio e suas adjacências, quando o seu dinamismo é revelado pela sua própria existência complexa, que se transforma e se reconfigura de maneiras muito peculiares, tornando-se, conforme Marandola Jr (2012a), inalienável e fundante de nossas experiências. Assim, de uma forma muito particular, o Pateo do Collegio tem conservado e nutrido sua essência ao longo dos séculos, durante os mais distintos contextos, praticamente nos convocando a lugarizá-lo...

4. Lugarizar...

Lugarizar é qualificar uma área como lugar, isto é, trata-se de revelar o sentido de lugar, a partir dos significados que circunscrevem seus aspectos telúrico, simbólico e construído. De tal modo, o *namoro* com o Pateo não seria a etapa final de nossa reflexão geográfica, mas, antes, o prefácio de uma longa jornada, pautada por uma existência cada vez mais atenta aos sentidos mobilizados pelos encontros com seus predicados geográficos e geopoéticos... Isso ecoa com as palavras de Relph (1979) que, como um alerta, afirmou que sem o sentido de lugar, as potencialidades e as variedades das experiências restam limitadas à mera repetição ou, ainda, somente à sobrevivência e a uma vida tediosa e insípida... Mais do que um simples sobreaviso, portanto, o autor apresentaria uma dupla possibilidade para nossa realidade geográfica: uma vida alienada dos significados terrestres sobre *lugares-sem-lugaridade*, ou uma vida potencialmente interessante e cativante, desenvolvida em locais cuja *lugaridade* se faz presente, é reconhecida e sentida. Isso demonstra, então, que lugarizar também implica assumir responsabilidade frente à própria realidade geográfica; ou seja, se existe o desejo de experimentar os profundos significados imbuídos nessa relação topofílica com o Pateo do Collegio, faz-se necessário não somente ressaltar seus significados e simbolismos, mas, cultivar condutas legítimas de afeto e respeito pelo lugar.

Não obstante, no início dos anos 1950, Dardel (2011) já havia anotado sobre a cumplicidade Homem-Terra quando, ao examinar o curso de nossas experiências terrestres, encontraria, na geograficidade, um elemento conectivo entre a espécie humana e o Planeta como habitat, capaz de descrever a relação incorrigível que estabelecemos com nossos lugares. Pela geograficidade, portanto, lugarizar é reconhecer as conexões com determinado lugar, o qual assume considerável envolvimento na qualidade da experiência terrestre. Desse modo, lugarizar o Pateo do Collegio torna-se uma ação inerente à construção do conhecimento geográfico e, portanto, deve-se evitar que discursos enamorados demais, melosos demais, se transformem em libelos ingênuos ou até, conforme Dardel (2011, p. 34), em uma “geografia patética”, vazia em ato...

Contudo, não é necessário se curvar ao rigor de um pensamento científico que demanda o distanciamento, a fragmentação, a análise objetiva, a abstração e a síntese. Besse (2011, p. 112), ao examinar a obra dardeliana, encontrou argumentos contrários à redução da geografia a “uma simples disciplina científica”, exatamente porque a geograficidade diz respeito ao envolvimento entre as pessoas e o lugar, que se ajustam entre si de forma tão intensa, não permitindo considerar a existência humana sem as *marcas* deixadas sobre a superfície terrestre, ao mesmo tempo em que não se pode imaginar a própria Terra sem a presença humana. Por isso, quando esse autor trata do acesso ao mundo geográfico, ele coloca entre aspas as noções de “sujeito” e “objeto” oriundas da ciência clássica, tencionando deixar claro que tal distinção, pela geograficidade, seria uma visão redutora da própria complexidade e natureza humana em ação sobre a superfície terrestre. Em outras palavras, lugares lugarizados são muito mais do que simples “objetos” resultantes da dominação humana sobre o planeta, justamente porque um

lugar não é somente *onde* vivemos, ou apenas uma área geométrica vazia entre limites definidos, mas, como as experiências vividas no Pateo revelam, um lugar é verdadeiramente um centro de significados que se torna parte intrínseca da vida.

Besse (2011, p. 155), ao considerar que, com o passar do tempo, um lugar se configura e reconfigura de acordo com as mais distintas formas culturais de organização espacial, explica que a compreensão de um lugar necessita que este seja recolocado em um “quadro de uma reflexão sobre o ser-no-mundo do homem”. Com isso, entendemos que lugarizar um lugar é também reconhecê-lo como lugar da experiência, como lugar de ser, de realizar-se, de construir nossa existência e reconhecer nossa presença terrestre... No entanto, podemos e devemos ir além, porque, de acordo com o próprio Besse (2011), a ação de lugarizar deve sempre partir da ideia de que “existe o mundo”, ou seja, é preciso entender que cada lugar é também um fato, cuja existência dinâmica permite e possibilita se transformar diante dos mais distintos contextos históricos e culturais.

Isso evidencia que os lugares – centros de significados – também são seres ontológicos, cuja essência comporta características singulares, tais como história, identidade, geografia, nome próprio... Essas argumentações nos colocam em contato com o caráter ontológico da fenomenologia heideggeriana, na qual há uma profunda busca pela natureza do ser. A ontologia, segundo Heidegger (2005), trata da “presença” (*dasein*) no mundo, isto é, da existência sensorial, afetiva, emocional, espiritual que é sentida e vivenciada muito antes da consciência da própria existência. Em outras palavras, é um sentido existencial enquanto existência pura, distinta do *cogito* cartesiano. Heidegger (2005, p. 199) anota que a presença não é algo dado, mas, antes, a possibilidade de ser-e-estar-no-mundo, conferindo, ao próprio ser, a possibilidade de vir a ser a si mesmo.

De acordo com Besse (2011, p. 115) o sentido de *dasein* é mencionado na obra de Dardel (2011), sendo por ele referido como “realidade humana”. Assim, pela geograficidade, essa presença (*dasein*) é entendida, então, como uma forma de ser-no-mundo experienciando a vida em cumplicidade com a essência dos lugares. Não obstante, a essência de um lugar é o que lhe possibilita tornar-se único, em sua mais pura existência.

Essas ponderações iluminam as reflexões geográficas desenvolvidas sobre o Pateo do Collegio, levando a considerar que não há sentido em nomeá-lo como um simples “objeto” de estudo, exceto se o propósito for a redução de sua essência ontológica a um abstrato sentido objetivo e mensurável. Com isso, o lugar de fundação da cidade de São Paulo é solo sagrado da fé e da memória jesuíta, área de relevância histórica e patrimonial protegida pelo ato de tombamento, mas, também é um lugar de acolhimento e de desenvolvimento de experiências cotidianas. E assim, o vínculo criado entre pessoa e lugar pode ser originado da sua própria natureza ontológica, a exemplo de nosso encontro repentino e o já explorado sentido de súbito encanto.

Segundo Besse (2006, p. 10), os valores humanos individuais e a ontologia dos lugares são os dois elementos que estão sempre em “jogo” na relação que cada ser humano mantém consigo mesmo e com a sua forma de ser-no-mundo. Assim, no compasso dessas reflexões geográficas sobre o Pateo do Collegio, pode-se perceber a existência do jogo entre esses dois elementos conforme se cotejava o que era sentido com o observado e vivido no lugar... um encanto súbito, uma vontade de estar e percorrer o ambiente, a sedução, o namoro, a necessidade de querer esquadrihar todos os cantos do lugar... A cada caminhada, a cada observação, a cada conversa, a cada detalhe, insurgiam novas características, diferentes olhares, distintas percepções inerentes aos valores individuais, e à própria essência do lugar... Tudo isso assinalava sua própria forma de ser-no-mundo, na qual sua essência se descortinava conforme o lugar permitia que se observasse além de suas características conhecidas de solo sagrado e local de memória, mas nos convidava para nos embrenharmos em seu próprio ser... Desse modo, o Pateo do Collegio passava a ser visto e compreendido como um lugar ontológico,

ou seja, um lugar com vida própria. Daí, nossa responsabilidade se tornava ainda maior ao lugarizá-lo, ao passo que se tornava compromisso assegurar que recuperasse sua própria essência enquanto local de nascimento da cidade de São Paulo e, portanto, permitir que o lugar se tornasse ele mesmo.

Para tanto, o próprio obelisco Glória Imortal, por causa de sua notória proeminência no centro do largo, pode ser considerado observatório ótimo para desvendar a mundanidade presente no Pateo do Collegio. As visitas ao lugar revelavam o quanto esse monumento é compartilhado e diversificado: alguns indivíduos, moradores da rua de São Paulo, dormem ao sol, ou descansam ou conversam ou apenas ali ficam, ao lado de suas roupas secando ao sol, e de seu carrinho de supermercado, onde estão todos os seus pertences, e que chamam, às vezes, de casa... Esses indivíduos dividem os degraus ao pé do obelisco com adolescentes que ali namoram, com pessoas que trabalham na região e que aproveitam seu horário de almoço ou descanso para sentar ao sol quando faz frio, ou à sombra quando tem calor...

Daí veio a lembrança da ideia de Bachelard (1993) de que para entender a condição humana, precisamos prestar atenção ao que acontece nos lugares que ocupamos... Nessa leitura, o autor estava muito mais interessado naquilo que é percebido e sentido, do que observado, anotado e dissecado à luz da ciência... Para esse autor, um lugar é poesia, mas só conseguimos percebê-lo e senti-lo se nos deixarmos guiar pelo êxtase que nasce e renasce na novidade de cada encontro entre o ser interior e o próprio lugar vivido, sendo o momento presente o catalisador desse encontro. De nosso mirante, vimos jovens brincando de skate. Ali, também vimos o homem que dormia, de casaco, sob o escaldante sol do meio dia, com o cotovelo dentro de sua marmitta... e nos regalamos com o cãozinho que brincava e se divertia, sozinho, no pequeno espaço de terra e plantas que fica ao pé do Glória Imortal, tão concentrado e feliz com o lugar, que ignorava os assovios que buscavam por sua atenção – o lugar parecia mais legal!... Sentado ao pé do Glória Imortal, percebemos muita gente caminhando, indo e vindo rápido, pela calçada ou tomando um atalho pelo meio do largo... e quantas dessas pessoas estão de roupa de trabalho, uniforme ou roupa social – quantos ternos e quantas gravatas circulam por lá... De repente, surgem algumas pessoas com máquinas fotográficas para capturar alguma cena ou posar para alguma fotografia... ficam pouco tempo, e logo deixam o largo ou entram no Museu Anchieta... a maioria deixa o lugar, revelando-o também como lugar de passagem no centro histórico da cidade, entre estações de metrô, próximo a terminal de ônibus, no caminho entre as pessoas e seu trabalho nos edifícios de escritórios ou comércio do velho centro.

Entretanto, também existem pessoas que nunca deixam o lugar e, ao invés de passagem, o consideram como único lugar de permanência... A forte presença de moradores de rua na região central da cidade de São Paulo é um fenômeno conhecido e, talvez, um aspecto intrínseco às metrópoles – como vimos, por exemplo, em Bidou-Zachariasen (2006). Esses moradores tornam-se a vida cultural do Pateo quando o sol deixa de iluminar o lugar. No entanto, quando a passada apressada é substituída pelo caminhar mais lento para observação do lugar, reconhecemos que o Pateo do Collegio, assim como praticamente quase todo o centro histórico da cidade, é o único lugar da existência de muitas pessoas que sobrevivem nas ruas. Com isso, percebemos que é raro caminhar pelo largo do Pateo e adjacências sem a presença de alguém dormindo sobre papelão ou envolto em algum cobertor de feltro, ou somente sentado, observando solitariamente o lugar, talvez por não ter rumo a seguir, exceto o de permanecer na rua... Isso ressoa com as palavras escritas por Bosi (2003, p. 204), afirmando que cada lugar “acompanha o ritmo da respiração e da vida dos seus moradores”, cujas histórias de vida constroem não somente o contorno das ruas paulistanas, mas estabelecem o próprio sentido cultural de um lugar, o qual só pode ser valorizado quando realmente adquire essa dimensão humanizada, que dá sentido à própria experiência terrestre, e qualifica a própria essência desse lugar...

Dardel (2011, p. 35), ao tentar explicar o elo entre os seres humanos e os lugares terrestres, já havia anotado que “a realidade mais concreta e mais próxima da Terra só é apreendida por uma interpretação do conjunto, que é uma maneira de se remeter ao Ser”, evidenciando o “jogo” entre pessoa e lugar, mas, ao mesmo tempo, demonstrando que a compreensão do que acontece em determinado lugar demanda um retorno à sua própria essência, a qual jaz na experiência de ser-no-mundo. Assim, pensar a ontologia do Pateo implica reflexões e inflexões sobre valores, mas também sobre a força secular e contemporânea desse lugar multifacetado e simbólico... Essa complexa dinâmica, explica Marandola Junior (2012b, p. XVII), tem a geografia como núcleo conectivo que, por sua vez, “não pode se furtar a ampliar seus horizontes e capacidade epistemológica de pensar o significado da experiência geográfica no mundo”.

Cosgrove (2008) consegue deixar claro que uma das mais contundentes funções da geografia é a de demonstrar as motivações culturais que há nas mais variadas e distintas organizações espaciais e sociais, ao mesmo tempo em que deve revelar o quanto a própria realidade geográfica é prazerosa, evidenciando a riqueza das experiências, dos símbolos e dos valores dos lugares. Segundo esse autor, pensa-se geograficamente, seja de forma consciente ou inconsciente, a todo instante vivido, até mesmo quando o momento é o de estar com a família e fazer compras e o lugar é uma feira, um mercado ou um *shopping center*. Isso porque, compreender a realidade geográfica requer dispor o olhar justamente para as experiências desenvolvidas no cotidiano, observando e analisando as interações sociais e espaciais, as percepções e as atitudes que nos ligam com o sentido de lugar, despertando nossos sentimentos de afetividade ou medo com relação aos lugares... em um jogo entre ontologia do lugar e dos valores humanos. E quanto mais grupos socioculturais diferentes desenvolvem suas experiências sobre o mesmo lugar, mais complexo se torna em termos de mundanidade, história, símbolos, valores e atitudes. Cosgrove (2008) entende que, dessa forma, a geografia está presente em todos os lugares da experiência humana. Está, portanto, nas dimensões cotidianas vivas do Pateo do Collegio.

Do mesmo modo que as compras feitas com a família em um sábado de manhã motivaram Cosgrove (2008) a desenvolver análises geográficas de um cotidiano multifacetado, os momentos exploratórios no meu lugar de acolhimento na cidade de São Paulo são aqueles que mais têm força para despertar sua leitura, interpretação e compreensão. São momentos vividos da minha própria experiência, de vontade de flunar pelo seu largo e adjacências, de sentar e observar, de interagir com as diversas cenas que ali se desenrolam, e conversar com diversas pessoas que desenvolvem experiências no Pateo do Collegio. Os variados sentidos de lugar ratificam a ideia de que a ontologia do lugar não permite qualificá-lo abstratamente, uma vez que os diversos significados recobrem sua mundanidade, tornando-se parte indissociável das mais variadas experiências que nele se desenvolvem, revelando sua própria essência enquanto ser-no-mundo.

Assim, tive a oportunidade de observar três estudantes sentadas ao pé do Marco da Paz, olhando para alguns livros e para os prédios, apontando, falando alto e de forma apressada; contaram que eram alunas do curso de arquitetura de uma universidade particular da cidade, mas que somente estavam no lugar porque tinham que cumprir créditos de uma disciplina cujo trabalho final era a apresentação de uma análise do centro histórico. Disseram que, apesar de paulistanas, não conheciam o Pateo do Collegio e mesmo à luz do dia e à sombra da base da Polícia Militar, tinham medo do lugar, sentindo-se inseguras, como se estivessem à mercê de assaltos ou até mesmo sequestro. Nem a história arquitetônica do lugar, ou seu curioso contraste de estilos e épocas, foram suficientes para que seu ponto de vista encontrasse um lugar de acolhimento, memória e paz. Nesse momento, a topofobia era o sentido do lugar que, como oposto da topofilia, está associada à rejeição, medo, pânico etc., podendo ser definida, segundo Relph (1979, p. 20), como “todas as experiências de espaços,

lugares e paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão”. Por isso, mesmo no lugar ótimo para estudo sobre a diversidade arquitetônica e fundamentos de urbanismo, a vontade das estudantes era concluir suas observações e anotações para finalizar sua tarefa, e jamais voltar ao lugar...

Em outra conversa, em outro momento, houve a chance de perguntar qual o sentido desse lugar para uma pessoa que trabalha nas adjacências do Museu Anchieta, praticamente mirando o largo do Pateo durante toda sua jornada. Claro que os elos que estabelecemos com um lugar são tão variáveis quanto às experiências individuais e, portanto, diferem de pessoa para pessoa de acordo com o jogo entre valores e a ontologia dos lugares. Contudo, não esperava ouvir palavras que remetem ao sentimento de topocídio, mas, algo parecido com *“prédio velho não tem utilidade, portanto, deveriam derrubar”* fora pronunciado a respeito das construções do Pateo do Collegio. Isso, então, evidenciava aquilo que Relph (1976) nomeou como *“inautenticidade”*, ou seja, um envolvimento muito superficial, ou até mesmo ausente, com o lugar.

Não obstante, também tive o privilégio de participar de conversas que contrastam com o pavor expresso pelas estudantes, e com o desprezo declarado no envolvimento inautêntico com o lugar. Como, por exemplo, o relato de um dos seguranças do Museu Anchieta, que há quase cinco anos lá trabalha, afirmando que adora o seu lugar de trabalho, em especial porque não é tão barulhento, nem tão agitado, como a cidade que está à sua volta. O vínculo afetivo com o lugar aparece, ainda, na disposição com que a bibliotecária recebe os visitantes, e com eles compartilha, entusiasmadamente, vários aspectos simbólicos e históricos do Pateo, armazenados em livros, cartas e reportagens disponíveis para consulta na Biblioteca Padre Antônio Vieira.

Ainda assim, o lugar teria reservado momentos ainda mais marcantes, realizando-se exatamente como Dardel (2011, p. 31) havia pensado a *“geograficidade original”*, na qual o ser humano descobre *“a Terra como lugar, base e meio de sua realização”*. Um desses distintos episódios aconteceu como uma bela surpresa, afinal, era um domingo frio e chuvoso, característico do outono paulistano. A decisão de ir ao Pateo nesse dia foi tomada de impulso, motivada apenas pelo entusiasmo de ver o lugar. Não obstante, a ideia inicial de que o lugar estaria vazio foi logo desmentida pela presença de duas pessoas caminhando pelo largo: um senhor de cabelos grisalhos e uma jovem, que carregava uma máquina fotográfica. Ao oferecer ajuda para fotografá-los juntos, nos deparamos com certa dificuldade de comunicação, já que eram estrangeiros. Daí que o lugar tornou-se nosso denominador comum e, em poucas palavras, o senhor se declarou avô da jovem e informou que estavam a passeio em São Paulo, mas não por acaso ou como turismo cultural... Disse que havia deixado a Europa no final dos anos 1970 para viver em São Paulo, especificamente no velho centro. Voltou para a Alemanha, sua terra natal alguns anos mais tarde, mas, afirmou que nunca se esqueceu dos anos vividos no lugar... Por isso estavam no Pateo, mesmo debaixo de chuva: seu objetivo era trazer a neta ao lugar onde teria nutrido belas experiências, que se tornaram memoráveis recordações...

Em outros momentos, a experiência contendo o êxtase do encontro com a essência do lugar foi vivida em primeira pessoa... Jamais será esquecido aquele sábado, final de tarde, quando o Pateo foi apresentado a uma pessoa muito querida – em uma situação muito parecida com uma reunião de bons amigos. Juntos, sentamos ao pé do obelisco e apenas observamos: garotos brincando de skate, o guarda se despedindo dos últimos visitantes do Museu antes de cerrar a porta, a visão de um cordão de isolamento ao redor da Igreja durante a celebração de um casamento... Enquanto compartilhava algumas curiosidades e alguns dos mistérios do Pateo, um morador de rua sentou-se ao nosso lado, acendeu um cigarro, mas logo o apagou, em respeito a nós, suponho, porque em nenhum momento se mostrou disposto a nos incomodar. Ao contrário, disse se chamar Maranhão, e que estava em casa. Afirmou ter sentado ao nosso lado porque o amor é o sentimento que mais lhe inspira na vida, e que se ainda está vivo é porque

sabe que a pessoa que ama também caminha por ai, procurando por ele... Eu, por outro lado, acabara de reencontrar o amor...

Estaria o amor nesse lugar? Poderia o amor ser o lugar? Teria a presença no lugar nos influenciado ou nos cativado? Novas inquietações emergiam dessa jornada que tomamos pela geograficidade... Inquietações renovadas, menos pragmáticas e muito mais contemplativas, fenomenológicas, subjetivas, intersubjetivas... que se escondem e, paradoxalmente, revelam-se em sua própria mundanidade... Como a compreensão de nossa forma de ser-no-mundo requer um encontro de nossos valores com a ontologia dos lugares, compreender os laços que nos conectam ao Pateo do Collegio exigiu o exame de sua própria essência, o que nos fez recuperar aquilo que é exclusivamente seu, ou, em sua mais pura essência, o Pateo do Collegio como si próprio... Eis, então, um lugar lugarizado!

Referências

Bachelard, G. A poética do espaço. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 142 p.

Besse, J. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: Dardel, E. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 111-139.

Besse, J. Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Trad. Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006. 108 p.

Bidou-Zachariasen, C. (org.) De volta a cidade: dos processos de gentrificação às políticas de revitalização dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. 293 p.

Boldrini, V. "Inaugurado na Assembleia Marco da Paz". Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, v. 123, n. 46, 12 mar. 2013. Seção Poder Legislativo, p.7.

Bosi, E. Memórias da cidade: lembranças paulistanas. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n.47, p. 198-211, 2003.

Buttimer, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. Trad. Neide Piran e Antonio Christofolletti. In: Christofolletti, A. (Org.) Perspectivas da geografia. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1985. p. 165-193.

Cosgrove, D. Geography is everywhere: culture and symbolism in human landscape. In: Oaks, T. S.; Price, P. L. The cultural geography reader. New York: Routledge, 2008. p. 176-185.

Dardel, E. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159 p.

Del Lama, E. A.; Dehira, L. K.; Reys, A. C. Visão geológica dos monumentos da cidade de São Paulo. Revista Brasileira de Geociências, São Paulo, v.39, n. 3, p. 409-420, 2009.

Donato, H. Pateo do collegio: coração de São Paulo. São Paulo: Loyola, 2008, 273 p.

Dubos, R. Namorando a Terra. Trad. Maria Cristina Carnevale. São Paulo: Melhoramentos; Universidade de São Paulo, 1981, 150 p.

Fortunato, I. O Largo Pateo do Collegio e o súbito encanto com o lugar. 2016. [submetido a publicação]

Fortunato, I. Historicidade e geograficidade do Pateo do Collegio, coração do centro histórico de São Paulo. Coletânea, Rio de Janeiro, 2015. [no prelo]

Frémont, A. A região, espaço vivido. Trad.. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.275 p.

Heidegger, M. Ser e tempo. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 15a. Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

Lowenthal, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. Tradução de Maria Hosana de Sousa e Antonio Christofolletti. In: Christofolletti, A. (Org.) Perspectivas da geografia. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1985. p. 103-141.

Mange, E. R. C. (ed.) Pátio do colégio. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1993. 41p.

Marandola Jr, E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: Marandola Jr, E.; Holzer, W.; Oliveira, L. (Org.) Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012a. p. 227-248.

Marandola Jr, E.. Sobre ontologias. In: Marandola Jr, E.; Holzer, W.; Oliveira, L. (Org.) Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012b, p. XIII-XVII.

Moraes, G. D. A igreja e o colégio dos jesuítas de São Paulo. São Paulo: Prefeitura do Município, 1979, 151p.

Oliveira, J. G. Pátio do colégio nº 1. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, ano 37, v. 187, p. 179-194, 1975.

Ortega y Gasset, J. Meditaciones del Quijote. Madrid: publicaciones de la residencia de estudiantes, 1914. 207p.

Relph, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. Tradução de Eduardo Marandola Junior. In: Marandola Jr, E.; Holzer, W.; Oliveira, L. (Org.) Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

Relph, E. As bases fenomenológicas da Geografia. Tradução de Herbert Silvio Augusto Pinho. Geografia, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

Relph, E. Place and Placelessness. London: Pion Limited, 1976, 156 p.

TUAN, Y. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. Geograficidade, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 4-15, inverno 2011.

TUAN, Y. Paisagens do medo. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005. 375 p.

TUAN, Y. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1983. 250 p.

TUAN, Y. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980. 288p.